

A Atuação do Batalhão Brasileiro Após o Terremoto do Haiti

General-de-Brigada Ajax Porto Pinheiro, Exército Brasileiro

NO DIA 10 de janeiro de 2010, quando os primeiros 130 militares do 12º Contingente do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (BRABATT 1) embarcaram no BOEING da Força Aérea Brasileira (FAB), na Base Aérea do Galeão, em direção a Porto Príncipe, não tínhamos ideia da tragédia que se abateria sobre o Haiti.

Na manhã do dia 12, participei da segunda formatura de despedida de outro efetivo que seguia para aquele país caribenho. Seriam dez viagens de 130 homens até completar o rodízio com o outro Batalhão brasileiro que retornava após seis meses de missão. A previsão era que no dia 28 de janeiro estivessem no Haiti todos os militares do Exército, o pelotão do Paraguai e os Fuzileiros Navais (todos compõem o BRABATT 1), e os militares da Companhia de Engenharia.

Nossa tropa havia passado por um longo período de preparação, que tivera início em junho de 2009. Ela era integrada por militares da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada, com sede em Juiz de Fora - MG (tropa especializada em operações em terreno montanhoso e composta de soldados aptos a superar os desafios inerentes a essa atividade); da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada, sediada no Rio de Janeiro-RJ e com experiência em operações urbanas naquela cidade; da Brigada de Infantaria Paraquedista, cujos militares se caracterizam pela ousadia e coragem próprias de uma tropa especial e que também possuíam experiência de emprego em operações urbanas; e por Fuzileiros Navais, profissionais motivados e que se enquadravam no mesmo perfil das tropas do Exército. Compunham o

Batalhão, ainda, militares da Polícia do Exército, essenciais em operações de paz. Enfim, eram tropas aptas a atuar com fluidez entre as vielas e becos semelhantes aos que encontrariam no Haiti, especificamente em Bel Air, Cité Soleil e Cité Militaire.

Por ironia do destino, o voo do dia 12 de janeiro atrasou, o que talvez tenha evitado que a aeronave tocasse na pista de pouso de Porto Príncipe no exato momento da causa do maior desastre humanitário da humanidade nos últimos cem anos: o terremoto do Haiti.

O Boeing sobrevoou a capital haitiana duas horas após o terremoto e teve de retornar ao Brasil, fazendo uma escala na capital da República Dominicana.

A missão do Batalhão, a partir de então, mudara radicalmente.

**...tudo para o qual nós
hávamos nos preparado, por
oito meses, havia ruído com o
terremoto...**

Nova Missão

No dia 13, ao reunir o Estado-Maior (EM) do Batalhão, ainda afetado pelas incertezas que se apresentavam e pelo choque das baixas de militares brasileiros que já se confirmavam, afirmei que a única certeza que tinha era que tudo

O General-de-Brigada Ajax Porto Pinheiro é o atual Cmt da 15ª Bda Inf Mtz, em Cascavel-Paraná. Foi Observador Militar no Grupo de Observadores das Nações Unidas para a América Central, Mai a Dez 1991 (ONUCA) e Observador Militar na Missão de Observação das Nações Unidas em El Salvador, Jan a Abr 1992 (ONUSAL). Possui o Senior

Management Course on Integrated Peace Mission, Mar 2009 (Cornwallis, Nova Escócia, Canadá). Foi o Cmt do 12º Contingente do Batalhão de Infantaria de Força de Paz por três meses (Fev, Mar e Abr 2010), tendo retornado ao Brasil antes do término do período de seu contingente, por força de sua Promoção a General-de-Brigada.



O autor, então no posto de Coronel, e o Coronel McAteer, Comandante da 2ª Brigada da 82ª Divisão Aeroterrestre do Exército dos EUA, em briefing no PC do BRABATT 1, Fev 2010.

para o qual nós havíamos nos preparado, por oito meses, havia ruído com o terremoto. Se antes o principal desafio era a garantia da ordem das eleições previstas para fevereiro de 2010, agora sabíamos que elas não mais ocorreriam e que outras missões inopinadas surgiriam.

Ao analisar os fatores clássicos da decisão, afirmei que quanto à *missão*, conforme descrito anteriormente, tudo mudara. As *forças adversas* (em combate teriam a denominação de *inimigo*) haviam alcançado uma dimensão igual ou maior do que a que se apresentava no início da missão em 2004. Em torno de 4.500 presidiários estavam soltos e espalhados pelo país, a maioria se concentrando em Porto Príncipe, armados com o que furtaram da guarda penitenciária. Desse total, 529 eram condenados de alta periculosidade. Sabíamos que estavam retornando para seus antigos redutos nos bairros de Cité Soleil, Cité Militaire e Bel Air, entre outros. Esses bairros constituíam nossa zona de ação.

O *terreno* também havia mudado. Bel Air estava intransitável. Só com muita dificuldade os blindados conseguiam circular em algumas vias,

em consequência da quantidade de escombros sobre as mesmas. Parte dos sobreviventes abandonara suas casas e o contato com as lideranças locais não mais existia.

A Engenharia cumpria sua missão desobstruindo as ruas e vielas, ao mesmo tempo em que, em coordenação com órgãos de assistência humanitária, enterrava centenas de corpos em valas coletivas.

Aliado a esse cenário, atores que não estavam presentes no Haiti antes do terremoto começavam a chegar, o que exigia uma nova forma de atuação. Organizações Não Governamentais (ONGs) de todo o mundo desembarcavam na capital após o restabelecimento dos voos. Exércitos de países que não compunham a Missão de Paz para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) chegavam em navios e voos diários. Os maiores efetivos eram oriundos dos Estados Unidos, da França, do Canadá e da Itália.

Tínhamos de nos adaptar ao novo cenário, para que a tropa brasileira no Haiti permanecesse relevante no momento em que os olhos do mundo

estavam voltados para lá. Ainda na Brigada de Infantaria Paraquedista, no Rio de Janeiro, em conversa com os oficiais do EM, afirmei que esse seria nosso principal desafio. Tínhamos a convicção de que, além das missões de segurança e de ajuda humanitária, manter o alto conceito que as tropas brasileiras haviam conquistado no Haiti, fruto do desempenho dos contingentes que nos haviam antecedido, era vital.

Porto Príncipe, 20 de Janeiro

Todo o EM desembarcou no Haiti no dia 20 de janeiro, antecipando o planejamento que previa uma substituição gradativa ao longo dos dez voos previstos.

No dia 22 de janeiro, já com 30% do efetivo do BRABATT 1 em Porto Príncipe e ainda coordenado pelo Batalhão que estava sendo substituído, realizamos uma gigantesca operação para distribuição de gêneros. Iniciamos o deslocamento das tropas e viaturas blindadas, além dos caminhões abarrotados de gêneros, às 5 horas da manhã. Empregamos, nessa operação, duas Companhias de Fuzileiros, o Esquadrão

de Cavalaria Mecanizado e elementos de Operações Psicológicas, o que somava um efetivo aproximado de 300 militares.

O local escolhido foi a avenida que passa em frente ao Palácio Nacional (sede do governo central haitiano), destruído pelo terremoto. Ali estava localizado um dos maiores campos de desabrigados. O local era simbólico para os haitianos por estar no centro da capital e na área mais atingida pelo terremoto. A mensagem era muito clara: “As tropas da ONU não os haviam abandonado”. As agências de notícias presentes no Haiti, ávidas por notícia, compareceram em peso ao evento, e divulgaram o trabalho das tropas brasileiras a serviço da ONU.

No dia 04 de fevereiro, 23 dias após o terremoto, todo o meu Batalhão já se encontrava em solo haitiano. Ao longo desses dias havíamos assimilado novos processos de atuação. Estudamos as melhores formas de emprego das tropas para enfrentar os desafios impostos pela situação humanitária desesperadora e pela ameaça representada pelas gangues, que se reagrupavam nos bairros carentes.

1º Sgt Vagner Brandão Chagas, do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro



Militares brasileiros realizando a distribuição de alimentos, no cair da noite, em Porto Príncipe, Fev 2010.

Operação Papai Noel

Os processos até então adotados pelos contingentes que nos antecederam não se aplicavam mais ao novo cenário que se desenhava no Haiti. Não era mais possível, naquela situação, distribuir gêneros empregando 30 ou 40 homens e tentando organizar as filas como antes. Não era mais viável colocar nossos soldados para fazer brincadeiras com crianças ou realizar ações à semelhança das Ações Cívico-Sociais realizadas no Brasil. Lidávamos com uma população abalada, ainda em estado de choque, que necessitava desesperadamente acreditar em alguém, em alguma instituição.

Dessa forma, passamos a deslocar nossas tropas diariamente para os depósitos do World Food Program (WFP), a fim de escoltar as carretas repletas de gêneros para serem distribuídos em locais previamente reconhecidos. Em média 80 toneladas de alimentos eram distribuídas durante 5 ou 6 horas, em dois locais da capital, por dia. Só para se ter noção do que isso representava, no

primeiro semestre de 2009 toda a MINUSTAH distribuiu algo em torno de 40 toneladas de gêneros no Haiti. Empregávamos quase toda uma Companhia de Fuzileiros em cada ponto, para fazer a distribuição e a segurança.

A forma de emprego utilizada caracterizava-se por círculos concêntricos que estabeleciam segurança de dentro para fora a partir do local de distribuição propriamente dito (com foco na organização das imensas filas), passando pelo cordão de isolamento a cerca de 50 metros. Depois vinha o bloqueio feito pelos blindados nos principais eixos de entrada para o local e finalmente o último cordão de isolamento, feito com patrulhas em um alcance de 200 a 500 metros, com a finalidade de evitar saques aos que haviam conseguido alimento ou tumultos orquestrados pelas gangues.

Os outros Batalhões que compunham a MINUSTAH (tropas da Argentina, Chile, Sri Lanka, Jordânia, Nepal e Uruguai) também tinham seus pontos de distribuição, em um total de 15 em todo o país.



1º Sgt. Wagner Brandão Chagas, do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro

Na embalagem com ajuda humanitária, a inscrição “Do nosso Coronel Cysneiros, para os amigos do Haiti”. O Cel Cysneiros foi um dos integrantes do Brabatt vitimados pelo terremoto de Jan 2010.

Nesses pontos, as tropas norte-americanas nos apoiavam na distribuição. Mas tão somente na entrega dos gêneros, pois a segurança sempre foi responsabilidade de nossas tropas.

Convém frisar a ajuda incontestável dos norte-americanos na reorganização dos sistemas colapsados do porto e do aeroporto de Porto Príncipe. Essas ações permitiram que os aviões da FAB e os navios da Marinha do Brasil mantivessem o suporte logístico que permitiam às nossas tropas atuarem.

Os aviões da FAB descarregavam toneladas de alimentos no aeroporto, diariamente, os quais eram transportados por nossas tropas e loteados na sede do Batalhão. Nossa Seção de Assuntos Cíveis (G 9), que havia cadastrado 220 entidades que prestavam apoio às populações desassistidas (ONGs, creches, hospitais, orfanatos etc.) fazia a entrega dos alimentos, medicamentos, barracas e água doados pelo Brasil em nossa própria Base. Essa forma de distribuição caracterizava o segundo processo de distribuição.

O terceiro era conhecido por Operação Papai Noel.

Nossos soldados verificaram que, se a partir das 21 horas distribuíssem gêneros em locais previamente reconhecidos de sua zona de ação, o resultado seria mais eficaz. Em linhas gerais, essas ações se constituíam em preparar em torno de 300 cestas básicas com gêneros doados pelo Brasil e entregá-los quando os haitianos já estivessem se preparando para dormir. Evitavam-se assim as grandes aglomerações que se formavam nas distribuições diurnas e assegurava-se maior justiça na entrega dos alimentos e água, pois em uma noite só determinado grupo de desabrigados recebia os donativos. Nos dias seguintes outras concentrações de desabrigados eram selecionadas. Os grupos vizinhos aos locais escolhidos, em função da escuridão e do avançado da hora, não acorriam aos pontos de distribuição. Dessa forma, garantir-se-ia uma distribuição mais justa e sem tumultos. Era como se o Papai Noel tivesse trazido um presente, naquela noite, para aquele grupo de haitianos.

Novos Atores

Até o advento do terremoto, as tropas brasileiras haviam interagido com algumas ONGs e com poucas instituições civis. Como a estrutura da

MINUSTAH estava bem organizada, pode-se dizer que o BRABATT 1 atuava como um típico batalhão em uma brigada no Brasil, em uma estrutura verticalizada. Após o terremoto, esse cenário mudou radicalmente. O comando civil e a estrutura militar da missão ficaram seriamente abalados. Nas semanas seguintes ao terremoto houve uma sequência de desacertos, desencontros de informação, tudo em função do caos instalado no país. O Quartel General da ONU em Porto

...o Batalhão Brasileiro passou a assumir a iniciativa de algumas ações que... precisavam de respostas urgentes.

Príncipe fora destruído, vários civis e militares que compunham a cúpula da missão estavam mortos. Entendemos que certas situações precisavam de respostas rápidas, as quais, naquele momento, não viriam da MINUSTAH, seriamente abalada pela tragédia. Dessa forma, o Batalhão Brasileiro passou a assumir a iniciativa de algumas ações que até então eram comunicadas ao Estado-Maior da MINUSTAH e que precisavam de respostas urgentes.

Dezenas de ONGs, que antes não atuavam no HAITI ou que tinham participação discreta no país, chegavam todos os dias. O Batalhão passou a receber, diariamente, representantes desses grupos para organizar comboios de suprimentos, fazer segurança dos mesmos e realizar gigantescas operações de distribuição de alimentos, água, medicamentos e barracas.

Houve um momento em que tínhamos tantas instituições civis cadastradas, que houve necessidade de se fazer uma verificação para atestar sua idoneidade. Várias deixaram de ser apoiadas por nós por estarem se aproveitando da situação caótica em que se encontrava o Haiti para desviar e comercializar as doações.

Havia um processo natural de ajuste de procedimentos. Certas exigências feitas por algumas ONGs não eram aceitas por nós por

comprometerem a segurança ou da tropa ou da população civil. Aos poucos, com as reuniões que fazíamos, essas arestas foram sendo aparadas e se chegou a um entendimento próximo do ideal.

Outros atores de peso na zona de ação eram as tropas não pertencentes à ONU, que chegavam em grandes efetivos, principalmente as norte-americanas. Rapidamente passamos a trabalhar de modo integrado na assistência humanitária, que consistia basicamente em distribuir gêneros em um ponto previamente escolhido e cuja segurança era prestada pelas tropas brasileiras.

Dessa forma, o BRABATT 1 manteve-se como um ator de peso naqueles momentos cruciais, na maioria das vezes assumindo a liderança e direcionando o caminho a seguir.

A Reorganização das Gangues

Quando nos preparávamos no Brasil para assumir a missão no HAITI, sabíamos que tínhamos como principal missão a manutenção de um ambiente seguro e estável no país caribenho. Alguns líderes de gangue ainda representavam alguma ameaça à sociedade. O que não sabíamos era que o trabalho dos contingentes anteriores seria comprometido em questão de minutos. Milhares de presidiários fugiram ou foram soltos nos momentos seguintes ao terremoto. Destes, muitos eram considerados de alta periculosidade, como já citado anteriormente.

...pode-se citar a grande adaptabilidade da tropa a situações novas e arriscadas e a capacidade dos oficiais de tomar a iniciativa das ações, quando confrontados com situações inesperadas...

Tínhamos de “recomeçar do zero” e recapturar os fugitivos. Nosso sistema de Inteligência funcionou perfeitamente na identificação dos locais de homizio dos criminosos. A população passou a denunciar

através do “disque-denúncia” e as prisões foram se sucedendo em um nível surpreendente até para nós. Certa vez, em uma operação conjunta com a Polícia Nacional do Haiti e a polícia da ONU, e após um meticuloso trabalho de Inteligência, aprisionamos 15 membros de uma mesma gangue sem que nenhum disparo fosse realizado.

Três meses após o terremoto já havíamos capturado em torno de 120 marginais e os entregado à justiça.

A fórmula adotada, de “sufocar” a área com o incremento de operações, conjuntas ou não, dissuasão com o emprego irrestrito dos blindados e intenso patrulhamento, mostrou-se muito eficaz. O “sufocamento” da Área Operacional de Responsabilidade (AOR) serviu para não deixar que a forças adversas se reorganizassem. Estávamos presentes a qualquer hora em todos os locais. Era a aplicação clássica do Princípio de Guerra da MASSA.

As operações ABAFA (o nome por si só já se explica), BUMERANGUE (consistindo de um cerco e vasculhamento e contando com o apoio da população apontando os criminosos na rua, ou os denunciando através do “disque-denúncia”) e RELÂMPAGO (que consistia de ações de curta duração, com a finalidade de mostrar nossa presença em um local onde houvera algum confronto com a população ou entre gangues rivais) tornaram-se rotineiras. Nessas operações, empregávamos pelo menos 150 homens em cada AOR de subunidade, três vezes na semana e com duração de meia jornada cada uma.

Nos três primeiros meses em que as patrulhas se revezaram incansavelmente entre a ajuda humanitária e a captura dos fugitivos, conseguimos tranquilizar a comunidade internacional quanto à possibilidade de a violência recrudescer aos níveis dos anos iniciais da missão. Havíamos vencido uma disputa silenciosa, a segurança permanecia sob nossa responsabilidade e a situação estava sob controle.

Conclusão

Após o retorno ao Brasil, questionei-me sobre quais fatores haviam sido preponderantes para o sucesso daquela tropa, a qual havia sido submetida inesperadamente a uma situação para a qual não havia se preparado.



1º Sgt. Wagner Brandão Chagas, do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro

Soldados do BRABATT 1 e da 82ª Divisão Aeroterrestre do Exército dos EUA realizam a distribuição conjunta de ajuda humanitária às vítimas do terremoto, em Porto Príncipe, Jan 2010.

Encontrei algumas respostas. Dentre os fatores cruciais de sucesso, além da coragem e do desprendimento, característicos de seus integrantes, e do fato de sempre termos nos preparado para o pior dos cenários, pode-se citar a grande adaptabilidade da tropa a situações novas e arriscadas e a capacidade dos oficiais de tomar a iniciativa das ações, quando confrontados com situações inesperadas. Eram oficiais selecionados, experientes e que sabiam liderar seus grupos. Essas duas qualidades, por certo, foram adquiridas ao longo da carreira, mas o fato de termos feito um treinamento intenso, conjunto, ao longo de quase oito meses e termos sempre acreditado que nos preparávamos para a pior situação imaginável, muito contribuiu para o desempenho do Batalhão.

Por seu comportamento profissional, oficiais e praças do BRABATT conquistaram o respeito e a admiração dos efetivos militares de outros países. O mesmo se pode afirmar dos civis das ONGs e outras entidades os quais, a despeito de alguns contatos iniciais em que tivemos de fazer

prevalecer nossos pontos de vista, passaram a admirar a tropa brasileira e a confiar no nosso trabalho.

Um exemplo que os marcou bastante foi a distribuição de gêneros realizada pelos brasileiros no início de abril, no Campo de JEAN MARIE VINCENT. Esse campo de desabrigados era o maior da capital e se encontrava dominado pelas gangues. Ali jamais havia sido realizada qualquer distribuição de alimentos após o terremoto. A ONG World Vision, ameaçada pelas gangues e imobilizada pela situação caótica do Campo, não conseguia distribuir as senhas para entrega de gêneros às famílias. Até então, não era missão do Batalhão a distribuição dessas senhas. O BRABATT 1 cercou o campo, orientou a população empregando o Destacamento de Operações Psicológicas, distribuiu as senhas em segurança e nos dois dias seguintes, sem nenhum incidente, juntamente com a WFP, realizou a distribuição de 350 toneladas de alimentos, naquela que ficou conhecida como a maior operação de ajuda humanitária até então realizada no Haiti. **MR**